

Inivicta *cinne*

ANO X

Nº. 187



MADGE EVANS

SEMÁNARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
rs

R - I - V - O - L - I

A PRESENTA
ESTA SEMANA

A FAVORITA

com Lil Dagover e

DO

Hans Stuwe

IMPERADOR

Programa da

Companhia Cinematográfica de Portugal

OLYMPIA

APRESENTA

esta semana a famosa artista Kate de Nagy

na super comédia da UFA, falada em francês

A BELA AVENTURA

com o grande cómico Lucien Baroux.

O filme do sonho, da graça, da delicadeza e do amor.

O QUE DEIXA 1932 NO CINEMA PORTUGUÊS

Charlotte Susa, a linda intérprete de «O Tigre», «Sob Uma Falsa Bandeira» e «O Rápido n.º 13» que vimos há bem pouco tempo, foi contractada por uma empresa americana, tendo chegado há pouco a Nova York.

A seguir vai a Lillian...

E depois, em Fevereiro próximo, Dorothea Wieck de «Raparigas de Uniforme», contractada por um ano pela Paramount.

Como se vê, os americanos continuam a roubar á Europa os seus melhores elementos artísticos.

Fazem-nos lembrar os espanhóis quando veem pescar nas águas portuguesas...

A revista «Mon Ciné» de Paris trazia esta noticia:

«O nosso camarada René Giniet partiu para Angola a juntar-se a uma cruzada organizada pelo Governo Português e no decurso da qual visitar as colónias portuguesas em Africa. René Giniet visitará também a Africa do Sul e Madagascar, devendo, durante esta ausencia de quatro meses, realizar uma reportagem cinematográfica.»

O nosso estimado camarada Fernando Barros, redactor-correspondente da «Invicta Cine» em Lisboa, veio passar as suas férias de natal e ano bom a esta cidade, na companhia da sua querida familia.

E' com alegria que abraçamos este nosso apreciado colega de redacção.

Beatriz Costa fez vinte e quatro rissonhas primavéras no passado dia catorze deste mês. Nós quizemos dar uma noticiinha no número passado, enviando-lhe os nossos cumprimentos, mas a falta de espaço não nos permitiu tal.

Mas, mais vale tarde...

Os nossos parabéns á gentil artista figura radiosa do nosso cinema e do nosso teatro.

O Artur Duarte voltou mais uma vez a Portugal. Chegou há dias para tratar de assuntos cinematográficos, preparar a realização dum novo filme bíblico português que será produzido por H. da Costa.

Dentro de algum tempo deve chegar também um camião de tomada de sons para os exteriores do filme que terá como intérpretes e director, individuos portugueses.

Respostas a alguns leitores que nos escreveram:

Anita Page tem um metro e cinquenta e sete centímetros de altura, pesa 53 quilos e nasceu em 1910. Jeannette Mac Donald, mede 1,65, pesa 55 quilos e oitocentas gramas e nasceu em 1907. Lily Damita, mede 1,60 c.m., pesa 51 quilos e nasceu em 1906. Buster Keaton, mede 1,60, pesa 62 quilos e meio e nasceu em 1896. Jean Harlow nasceu em 1911.

E era para isto que nós deveríamos ter a secção de correspondência...

Eisenstein filmou em Moscow a festa organizada para comemorar o 15.º aniversário da revolução.

Fritz Lang está dirigindo «O Testamento do Dr. Mabuse».

Clara Bow terminou o seu novo filme «Call her savage». Consta que está disposta a não trabalhar mais e a dedicar-se á vida de sua casa unicamente.

1932 está tocando o seu termo. Meia duzia de dias passados e eis-nos ás portas do novo ano, do novo enigma periódico.

E' ocasião de concentrarmos o nosso sentido na actividade dispendida até aqui, depois da abertura do ano que se esvae. Devemos lançar um olhar para o que se fez cinematográficamente, para o que se produz u neste país tão mal fadado pelos Deuses do Cinema.

Folheamos pois o nosso memorial. E o que achamos? «Campinos do Ribatejo» de cujo valôr já aqui falamos, um filme atrasado, fóra do tempo e da técnica actual. Projectos, houve um sem número. Os sonhadores não se eclipsam com facilidade e fazem parte com especial predominância do nosso meio cinematográfico.

Idealizam realizações, citam elementos fazem éco e ás vezes alarde, para após algum tempo, fenecerem tristemente, sem um pio, até com ridículo. Dá-se de mais á lingua e em contraposição obras não se veem nenhuma.

No que respeita o famigerado género documentário, pode dizer-se também que pouco ou nenhum progresso há a registar. De quando em vez lá surge um ou outro operador, com um pouco mais de sentido estético da complicada e difícil arte de filmar, dando-nos uma coisinha mais limpa e além dos insuficientes e enjoativos «héctometros filmicos». Mas êsses são raros e pode dizer-se também que os consideramos um verdadeiro achado - ou acaso.

Et voilà. C'est tout, E não é nada.

O 1932 vai-se sem saudades para os cinéfilos que gostariam de vêr aumentar e - sobretudo - progredir artisticamente e produção nacional.

Não se viu nada de novo, de extraordinário, capaz de fazer vibrar em nós o sentimento de amigos do cinema português - se exceptuarmos a ideia da fundação duma empresa destinada á criação dum estúdio pronto a produzir filmes s noros e falados. E' esta a nossa melhor esperança no ano novo. E' nela que confiamos plenamente para que 1933 se mostre mais favorecido por uma produção melhor em todos os sentidos.

A Companhia Portuguesa Tobis Klangfilm em embrião ainda, prepara-se para iniciar a sua actividade nos primeiros meses do ano.

Por outro lado, constatamos por noticias dalguns diários que a Agência Cinematográfica H. da Costa projecta a realização dum filme português de caracter bíblico - um filme sonoro, talvez super visado por um cineasta alemão.

Também Antonio Luiz Lopes pretende fazer uma nova pelicula: «Touros de Morte».

Ao abrir do novo ano, são estas as três intenções conhecidas e que desejamos vêr materializadas - já não dizemos multiplicadas. O quási zéro productivo de 1932, justifica se em parte - a falta de um estúdio onde se pudessem confeccionar filmes ao par da actualidade.

Agóra porém que o Papá Natal, o Papá Tobis Portuguesa promete aos cinéfilos o melhor dos presentes que se pode ambicionar, o rico estúdio de que tanto necessitamos, resta-nos esperar e confiar em 1933.

J. Alves da Cunha.

Retalhos de uma entrevista com René Clair

parisiense, que temos à nossa frente, insere uma interessante entrevista com René Clair, o mais extraordinário cineasta francês da actualidade, de que nos permitimos reproduzir algumas passagens.

René Clair, o único encenador francês verdadeiramente grande, autor de filmes como «Sob os Telhados de Paris» e «O Milhão», obras que constituíram das mais formidáveis lições de fonocinéma, que é um dos poucos talentos de que a cinematografia europeia pode orgulhar-se com motivo, expõe claramente as suas idéias, o seu pensar.

«A triste situação actual do cinémas nasceu com o falado. Antes do falado, «havia cinémas». Em cerca de três mil filmes exibidos por ano, eu encontrava, pela minha parte, ao menos um bom em cada semana, o que preferia uns cincoenta por ano. Depois do falado, parece que todo o mundo, todos os países productores (à excepção da Rússia) «trabalham» para a provincia, isto é, para salas de segunda categoria. Antes do falado, embora houvesse, como hoje, a questão do dinheiro como base de tudo o que se fazia, podia suceder que um bom filme desse dinheiro. Havia uma certa elasticidade para o cineasta, levando todavia em conta os imperativos financeiros. Com o falado, isso é impossível, porque há moldes precisos. Quere dizer que o filme deve ser feito de uma certa maneira, para agradar ao grande publico... Traduzam:—é sempre o mesmo—fazer dinheiro».

«No cinémas, os bons realizadores, os «competentes», são heróis ou mártires. Se julgardes ter feito alguma coisa de bom... reprovar-vos-ão. Se pensardes que fizestes mal... felicitar-vos-ão...»

«O resultado: uma produção tímida, rotineira; regras e «standards» talvez aplicáveis algures, mas que aqui são neistas. Não foi sempre assim: um criador como Charlie Chaplin pôde outrora exprimir-se e fazer beneficiar todo o cinémas com os seus próprios sucessos.

«Hoje, um novo Chaplin estreiante nos estúdios, seria incapaz de manifestar o seu valor. «Deveria submeter-se às regras estabelecidas ou desaparecer: num, caso como no outro, ser-lhe-ia impossível tornar-se Chaplin».

As pernas nuas não seduzem...

Lilian Miles, a nova parceira de Jack Holt, recusa-se a aceitar a moda das pernas nuas, embora mais de noventa

por cento das raparigas de Hollywood não usem meias.

—Não terá algo para ocultar à indescricção alheia?

—Não, senhor; ora veja:

Efectivamente, Lilian possui duas lindas colunetas de delicado roscier, verdadeiramente admiráveis e dignas de ser vistas.

—Não me parece que seja uma moda para raparigas, conclui Lilian compondo as ligas.

Nós somos de igual opinião. Além de que umas lindas pernas calçadas em fina meia de seda, tornam-se muito mais deliciosas e agradáveis à vista.

A atitude mental, segredo de quem vestir

quilhagem ou de vestidos luxuosos, mas sim de atitude mental—diz Gilbert Adrian, famoso desenhista de trages da M. G. M.

Uma mulher que não seja bonita tem mais probabilidades de ser verdadeiramente elegante do que a vencedora dum concurso de beleza e isto não se aplica sómente às encantadoras estrélas de Hollywood, mas também as raparigas que trabalham em escritórios ou ás que se dedicam aos trabalhos caseiros.

E' muito mais interessante vestir as mu-

O recente número de «Pour Vous» excelente hebdomadário

DA VIDA CINE-GRÁFICA

lheres que não são precisamente bonitas, mas que são dotadas de encanto espiritual, do que as simplesmente belas, pelas simples razão de que as primeiras expressam muito mais personalidade.

Wallace Beery me'e uma...

«Durante um ano estive trabalhando num circo—«diz Wallace Beery», onde me tornei muito amigo dos elefantes que tinha a meu cargo. Quando algum perigo me ameaçava, a única coisa que tinha a fazer era meter-me entre as pernas dianteiras dum paquiderme chamado «Mom», que era o mais velho do grupo e assim estava salvo.

Uma noite houve um tumulto na tenda das feras: uma pantera negra tinha fugido da jaula sem se saber como. Encontrava-me no meio da manada de elefantes e corri para junto do meu velho amigo «Mom» no momento em que a pantera vinha na minha direcção. O paquiderme moveu a tromba e atirou com a fêra para fóra da tenda, com violência tal, que da pantera nada ficou que pudesse ser apanhada com uma simples pá.

Foi um momento interessante».

De facto, deveria tê-lo sido...

Pabst em actividade continua

Logo que tenha terminado a montagem de «Don Quichote», de que Chaliapini é o protagonista, o grande realizador Pabst dará início a uma nova produção cujo titulo é «Bulles de savon», uma comédia que será realizada nos estúdios parisiense e que servirá, sem dúvida, para nos revelar uma das novas facetas creadoras do imérito artista.

Uma gravata por 500 dolares

Arthur Winton, detective companheiro de Jack Holt em «Tu serás minha», pode orgulhar-se de possuir a gravata mais cara de Hollywood.

Uma manhã, estando tudo pronto para continuar a filmagem, no estúdio da Columbia, a «rapariga do manuscrito» que, entre muitas obrigações, tem a de anotar a indumentária de cada artista, reparou que Winton se havia apresentado com uma gravata dife-

rente da que usára no dia anterior. O erro era grave, pois que se realizavam algumas cenas que eram a continuação das precedentes.

—Mude de gravata—disse o director Irving Cummings.

Porém, o caso não era tão fácil. Winton, atrapalhado, confessa:—a outra deixei-a em casa!

Como cada artista tem de cuidar do seu próprio vestuário, não houve outro remédio senão esperar que o chauffeur de Winton fôsse à distante vivenda do artista em busca da bendita gravata.

Durante quarenta minutos, os artistas e o pessoal técnico estiveram conversando na ociosidade.

—De hoje em diante, levarei todas as noites para casa uma fotografia para saber como estava vestido no dia anterior—diz Winton impaciente.

Walter Connolly, que tem uma mente matemática e estivera fazendo os seus calculos, dirigiu-se a Winton, mal chegou o chauffeur e, de relógio em punho, diz-lhe:

—Sabe você quanto custou este intervalo? Pois nada menos de 500 dolares!

O olhar que Winton lhe deitou valia muito mais, porém como o director de produção não estava presente, acabou por rir-se.

Helen Chandler prefere uma... ferradura!

O médico recomendou a Helen Chandler o uso diário de legumes, muitos legumes, indicando-lhe os mais convenientes; quando Helen, que os odeia, ouviu a lista dos que lhe estavam indicados, fez um gesto de desgosto e disse ao doutor:

—O Sr. quer transformar-me num ruminante, como uma vaca!

Helen necessita de um pouco de ferro no sangue, segundo o médico; porém a simpatica estréla diz que em vez de comer legumes, preferiria ingerir uma ferradura, se assim podesse obter o ferro necessário!

Sternberg—Marléne

Segundo corre, Sternberg não renovou o seu contracto, passando a produzir para a United Artists e Marlene Dietrich realizará, sob o seu actual contracto, um último filme da direcção de Rouben Mamoulian e irá em segunda também para a U. A.

A équipe Sternberg—Marléne passaria a produzir unicamente para aquela casa.

Um cinémas atmosférico...

O «cinémas atmosférico» é um novo género de sala destinado a dar, ao espectador, a ilusão de que se encontra num jardim. Para conseguir esse resultado extraordinário, é necessário decorar completamente as paredes, palco, todos os pisos superiores, de maneira a não parecerem mais do que partes de um vasto jardim, de arquitectura modernista e extravagante.

O fim de sala atmosférica é, pois, de convencer o público, de que se encontra em completo ar livre, sem os seus inconvenientes maçadores: frio, escuridão, etc.

Um cinémas deste género acaba de ser inaugurado em Paris. Trata-se do «Rex», edificio também curioso no exterior, onde parece não existir uma única janela.

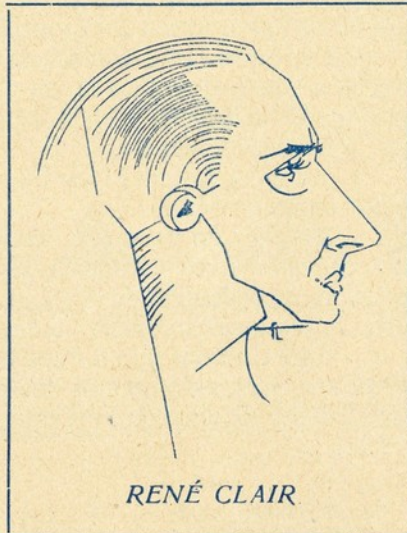
O «cinémas atmosférico» representa a última maravilha de comodidade e atracção.

E lembrar-se a gente, nestes dias frios de inverno, que muitas das nossas salas não possuem um triste aquecedor!...

Ano metro... Ano dois metros!

—Como vão titular-se, para a próxima época, os filmes da M. G. M. da produção deste ano, uma vez que aos anteriores é dada a designação de filmes do Ano-Metro?

—Chamar-se-lhes-á, naturalmente, filmes do «Ano Dois Metros»!.



RENÉ CLAIR



À MARCEM DE O MÉDICO E O MONSTRO

COMO SE VIU ESTE FILME

Passados já bastantes dias sôbre o notável «flou» de fecho de «O médico e o monstro», mais uma vez quizeramos admirá-lo, voltar a pensar sôbre a poderosa realização de Mamoulian, estudar o quanto de arte havia na criação da personalidade de Jekyll e Hyde, por Frederic March.

Mas, embora a nós pese, não voltar a ver tam cêdo outra tam grande lição de cinema, nem sempre o filme foi compreendido por todos e nem todos aqueles que o não souberam compreender, tiveram consciência da sua ignorância. Há meses, nas páginas desta revista, a propósito dum filme exibido num salão desta cidade e infamemente recebido por certa parte da plateia, um nosso colega, chamava a tais creaturas «cretinos».

Longe de nós a ideia de o fazermos; bem mal vai com quem se prende a assobiar a defuntos; não chamaremos nada a ninguém. Sómente diremos, que a plateia dos teatros (ao tempo) do Porto, temida em todo o mundo pelas mais formidáveis notabilidades do palco, é hoje uma plateia amorfa, inconsciente, rindo boçalmente, sem saber o que quer e porque ri.

Há, infelizmente, um grande retrocesso na instrução de todas as camadas sociais; houve como que um bolchevismo de estupidês, que minou como um cancro, toda a máquina social; hoje, como disseramos num artigo anterior, ninguém lê, ninguém procura adquirir mais cultura que a parca dada pelos bancos da escola.

Compra-se apenas o jornal, se se compra, onde há normalmente uma reportagem hedionda, comercialista, baixa e canalha, de casos da ralé; consagram-se, nestes, colunas e colunas a crimes repugnantes e não se faz um pouco de luz nos cérebros

de quem os lê. Abafa-se neste país dentro das normas ridículas do jornalismo quotidiano; sómente um ou outro lampejo, num ou noutro jornal, mas lampejo tam fugaz que não chega a ser notado. Os seus criticos, e fazemos recentemente excepções, são normalmente incompetentes; das criticas publicadas nos diários do Porto sôbre «O médico e o monstro», sómente uma nos agradou; foi pausada, medida, refletida e verdadeira; não foi uma critica plágio de revistas estrangeiras e jornais de Lisboa, nem feitas com o pensamento posto numa melhorada consoada de Natal. E é, infelizmente, por estes ultimos casos, senhores criticos, que o público não lê os jornais, que o público considera sempre reclame as vossas mais modestas e sinceras afirmações. Talvez não se engane sempre, talvez lhe houvessem boquejado em algures que, ás vezes, uns certos criticos se rendem á evidencia dos escudos.

E' este um dos piores males que tem arruinado o cinema; são estes traficantes com a arte, que inconscientemente têm derrubado o gôsto do público pela arte, pelo belo.

Por isso, durante a exhibição de «O médico e o monstro» nós ouvimos muitas vezes, uns rizinhos deslocados, como de meninas histéricas, outras vezes, um troar desenfreado duma gargalhada própria de quem assiste a um filme de cow-boys.

Nem a uns nem a outros queremos mal, nem pensamos em lhe chamar «cretinos». A culpa é nossa, a culpa é dos diários, a culpa é de toda a grande e pequena imprensa, que seguindo os appetites das massas populares exacerba-lhes os vícios ora publicando historiazinhas piégas, ora biografias pintadas, tipo único de vidas especiais. A culpa é de todos nós que não soubemos dar ao público sensibilidade suficiente para com-

preender e gostar; publiquemos menos secções jocosas, com dados alarves e criemos mais páginas técnicas.

Porque foi que o público riu naquela gargalhada cínica e maldosa de Hyde, quando desce as escadas da moradia de Ivy Pearson? Porque o público não viu ali mais que uma gargalhada não compreendeu a parte disfarçada dessa mesma gargalhada. Filmes como «O médico e o monstro» não podem estar certamente á altura de algumas camadas sociais; mas essas mesmas, parece-nos, que deviam ser conscientes do seu malentendimento, não rirem perturbando aqueles que se concentram. Mas, e aqui fica levemente esta referencia, a massa de intelectuais que peja as ruas do Porto, frequentando faculdades e escolas foi a que mais ignorantemente se riu. Sem quereremos que o estudante seja grave, desejá-lo-íamos profundamente intelectual, nos momentos em que necessário fôsse e o filme que viram devia merecer-lhes sôbre todos os pontos de análise um estudo consciencioso.

«O médico e o monstro» era um filme para um estudo, não era um filme para uma galhofa. Se teve um exito enorme, se conseguiu quasi esgotar lotações, não foi porque ali fossem atraídos pela analise psicologica do filme. Ali só houve bastantes olhos preocupados com a parte espectacular.

Certamente que não temos a pretensão, ao fazermos este modesto artigo, de querer endireitar este problema bastante tôrto; mas, que haja mais um pouco de consciência na análise das coisas, que se não revele aos olhos dos outros que possuindo o nosso país 55 oço de analfabetos, dos 45 oço restantes seguramente 80 oço dispõem duma cultura ridicula e absurda, sem bases e sem cabeça...
NOBODY.

O CINEMA DO FUTURO

O QUE SERÁ A PRODUÇÃO DO ANO DE 1950

Se atendermos a que estamos vivendo numa época de renovações contínuas, em que todas as coisas giram em pról do aperfeiçoamento a que não chegarão, enquanto a humanidade for humana, já mais poderemos surpreender-nos com as modificações que vierem a operar-se na cinematografia futura.

Considerando que a indústria do cinema se desenvolveu até chegar ao seu estado actual, num ciclo de vinte anos e que as surpresas que nesse decorrer nos têm assombrado não têm sido pouco numerosas, é necessário que nos adeantemos um pouco para tocar o ponto que se refere a como serão os filmes em 1950 seguindo o desenvolvimento verificado até aos nossos dias.

No velho estúdio do que então se chamava *Solax Motion Pictures*, vinha preparando-se aí por 1910, uma película intitulada «The Sewer», que constaria de duas bobines; os filmes produzidos até então não contavam mais do que uma bobine, que era o suficiente para atrair a curiosidade pública.

Numerosas pessoas se interessavam pelo que, naquele tempo, se chamava «a nova arte». Deve-se destacar D. W. Griffith que já pensava na realização de seu «Abraham Lincoln», apresentado aos cineastas dez anos mais tarde; Mack Sennett, um comerciante de pasteis e Adolph Zuckor, que deixara por momentos o seu negócio de peles em Chicago, para ir a Los Angeles descobrir o paradeiro que um parente dera à quantia de três mil dólares que lhe tinha previamente remetido.

Os directores da *Solax* entreteinhavam-se em terríveis discussões sobre a dimensão de «The Sewer», alegando entre outras coisas, uma excessiva despesa na produção (novecentos dólares) uma incredulidade manifesta em que o público pudesse aceitar qualquer argumento dividido em várias bobines e um sem fim de coisas mais, que vieram por terra quando o filme de duas bobines foi acolhido com grande deferência.

O IMPREVISTO

A pergunta uniforme de todos — já o dissemos — era o seguinte: «comprarão os exibidores filmes divididos em várias partes?» A resposta foi satisfeita com os anos, durante cuja passagem algo mais existiu do que o aumento das dimensões do filme.

Em 1930 os cinémas luxuosos de Hollywood passaram nas suas telas filmes que, como «The Big Trail», eram compostos de dez partes (ou bobines), fotografados pelo processo «Grandeur», que é nem mais nem menos do que a película em rélevo, projectadas em écrans especiais, de mais de doze metros de largura e seis de altura e com um custo de algumas dezenas de milhares de dólares.

Não foi senão por méro acaso que a cinematografia ascendeu do seu carácter de simples «diversão», a algo mais, que neste caso chamaremos a sua actuação educativa ou meramente comercial. Retrocedendo a 1896, ninguém a considerava como educativa, à excepção de uma pessoa, o chefe de bombeiros Hale, de Kansas City, que impressionára um filme descrevendo os movimentos de uma viagem em caminho de ferro.

Estabelecamos uma comparação neste caso e retrocedamos todavia muitos anos atrás, para falar de Gutenberg, o inventor da imprensa. Suponhamos que este homem tinha introduzido o seu invento a título de uma «diversão» mas que as suas vantagens se tivessem encaminhado até ao mundo de negócios da época.

Estaria a civilização tão adiantada como se encontra agora? Façamos o cálculo de que a cinematografia tinha seguido o progresso

que teve a imprensa e perguntemos: estaria mais ou menos no lugar em que se encontra presentemente?

Poucas pessoas recordam um indivíduo chamado Tripler que descobriu o sistema de produzir o que em termos mais ou menos científicos se chama ar líquido. Ao conceber o seu invento, imaginou logo uma grande variedade de usos industriais, porém estamos certos de que não teve tempo de pensar na possibilidade de empregá-lo na indústria da cinematografia, até que uma pessoa, cujo nome escapa à nossa memória, encontrou uma certa «diversão» no descobrimento de Tripler e o adaptou a diversas salas cinematográficas. Um ano depois os espectadores podiam admirar, surpreendidos, as transformações que o ar líquido fazia. Apesar das surpresas que causava, o ar líquido desapareceu do mundo das diversões, porque não continha em si atractivos suficientes para dar origem a uma história ampla que pudesse comover e conter o público em expectativa constante. Pelo contrário, o filme prosseguiu nos salões, por ser considerado mais científico e útil ao progresso individual e também porque teve o IT suficiente para divertir as audiências. A película foi então uma «caçadora» de públicos, da mesma maneira que os actos de vaudeville fazem o mesmo em certas ocasiões.

Porém, entremos no tema deste artigo: como poderá ser o filme de 1950? Naturalmente que as linhas que se seguem não passam de profecias, mas a julgar pelas modificações constantes que se têm verificado, não haverá dificuldade manifesta na suposição futurista que sustentamos.

A evolução do filme tem que ser técnica na sua parte fundamental; unicamente técnica. A sua dramaticidade não poderá modificar-se sensivelmente porque, nos três mil anos que tem, o drama não sofreu mudanças absolutas. Os argumentos que começaram a fazer-se na terra, para o teatro, estavam divididos em actos e assim continua e continuará sendo.

A interpretação é muito possível que continue sendo a mesma. As bases fundamentais da arte não se concretam senão a casos fictícios com aparências de realidade, interpretados por tais ou quais personagens que fazem de esse trabalho o seu «modus vivendi». Existirão modificações de origem técnica, como por exemplo, da luz na fotografia, do maquiage, porém a base principal será a mesma.

Na confecção dos argumentos, é lógico supor que veremos algumas modificações, porque são susceptíveis de aperfeiçoamento, se compararmos o estilo em que foram escritas as fábulas de Esopo e as tragédias Grego e Romana, com o que se vê nos dramas da actualidade.

Feitas então estas pequenas reflexões, entremos francamente na parte técnica, que é onde auguramos grandes transformações.

É possível que o filme continue sendo a mesma película transparente que passa através de uma máquina e que ao difundir a sua luz vivíssima aumenta as imagens e as projecta na tela. É muito possível — continuamos — porém junto ao princípio anterior da cinematografia se encontram com facilidade invenções que, como a estereoscopia, se conservam estreitamente adjuntas aos inventos cinematográficos.

RELEVO DA IMAGEM

A naturalidade em todos os sucessos da vida, tanto na ordem moral como mecânica, é o que deve existir. No caso da cinematografia, sabemos que o écran reflete as imagens em forma plana à maneira de sombras e

que os públicos acolhem este princípio com certo gosto. A julgar pelo passado, podemos dizer que as exigências estão satisfeitas? Não! Enquanto a película não estiver investida da naturalidade necessária, supondo que é um reflexo fiel de casos reais às vezes e um tanto inverosímeis outras, porém interpretada por seres humanos, os públicos, embora não digam uma palavra de protesto, — não podem estar satisfeitos.

Poderá ser difícil que os produtores, atendendo a que a implantação do diálogo custou muitos milhões de dólares, se decidam a gravar em rélevo a imagem na película, porém do que estamos perfeitamente certos, é que a estereoscopia jogará papel importante nos filmes de 1950.

Indiscutivelmente, a cor seguirá, ainda que com importantes melhorias, porque não é segredo para ninguém de que actualmente ainda está cheia de deficiências. Os três sistemas que estão em uso impressionam um detalhe fotográfico através de dois ou mais filtros de cores, obtendo assim dois negativos, um branco e outro preto com certas propriedades cónicas, porém não com a cor verdadeira. Os dois negativos são impressos ao mesmo tempo produzindo positivos que se iluminam depois segundo as exigências do filme.

Quanto a nós, o filme de 1950 será fotografado por um processo de maior materialismo e de indiscutível melhor beleza. Não será já a película com sombras difusas de cor, mas sim o filme perfeitamente fotografado em toda a sua naturalidade.

AS TÉLAS

A tela branca, a que começa a impôr-se maior dimensão, aumentará a sua popularidade para impôr-se totalmente, no futuro, com o resultado do realce nas imagens. A este respeito cumpre dizer-se que o tamanho «standard» de 35 milímetros idealizado por Edison, não foi mais do que um simples acidente, que foi seguido pelo facto de corresponder ao ilustre homem a honra de o ter criado. Se em vez de 35 se tivesse pensado antes em 50 milímetros, hoje a medida do filme seria essa. Os directores e os próprios operadores compreendem que a película «standard» restringe o raio de acção da fotografia, de maneira que a película mais larga terá que ser geralmente aceite, trazendo por força a necessidade de usar também telas maiores.

O SOM PERMANECERÁ

E eis-nos chegados ao ponto que merece um estudo mais especial, porque nele se concentram grandes detalhes, dos quais tivemos uma prova demasiado palpável na produção de Chaplin *Luzes da Cidade*, na qual os diálogos foram eliminados.

Até há pouco tempo, o filme silencioso concentra-se meramente num conjunto de tecnicismos, embora seja bom fazer notar que, quando Edison principiou a trabalhar no seu Kinetoscópio, onde pretendem combinar a visualização com o fonógrafo, já mais teve a ideia — assim supomos de separar o filme mudo da combinação de sons e vozes.

Edison tomou o filme como instrumento didático e não como se o vê agora, em que é considerado como via de entretenimento com um estreito paralelismo com o teatro.

Quando a voz chegou à cinematografia, a indústria precipitou-se loucamente sobre o diálogo, sem pensar que há filmes que não

(Conclue na última página).

Emilio Loubet e Dolly Davis

Uma entrevista
que nunca
chegou a realizar-se

Depois de ter contado aos meus leitores algumas vitórias jornalísticas das muitas que o meu modesto activo conta já, é justo que narre também um ou outro fracasso, uma ou outra derrota, daqueles fracassos e derrotas que não desonrando os meus brios de *reporter*, deixam-nos todavia um pouco abalados, um bocadinho *ratés*.

Sim, porque nem sempre o jornalista é bem recebido pelas pessoas que procura, nem sempre as portas onde bate se abrem para o deixar entrar, para o acolherem com um sorriso, com palavras gentis. A's vezes, — quantas vezes, afinal! — o escrevinhador prepara os *linguados*, enche a estilográfica, compõe-se ao espelho, perfuma-se, engata as primeiras meia-dúzia de perguntas, faz despeza em *taxi*, num grande ramo de rosas e... dá com o nariz na porta. A presumível entrevistada, porque tem que fazer, porque lhe dói a cabeça ou tem a *manucure* em casa, manda a criada dizer que não está ou que não pode receber; e o jornalista, olhos no chão, uma grande tristeza, na alma, o *bouquet* sendo para as pedras da rua, o *carnet* de *linguados* amarrado no bolso, um sorriso idiota e paciente entre os lábios, lá vem embora desanimado, maldizendo a hora em que pensou na entrevista, hora que poderá não se repetir, e que ficará na sua memória, na sua mais recondita reminiscência, como um momento de fracasso, de infelicidade, de desgraça.

Porque um *reporter* é tam cioso da sua profissão, do seu trabalho, como um artista, como um médico ou simplesmente como um sapateiro. Todos gostam, todos sentem orgulho e prazer em fazer dentro do seu ambiente, do ambiente do seu *métier*, o melhor possível conqui tando uma glória, glória relativa, é claro, que vai dos sapatos bem feitos, elegantes, á reportagem de *frisson*, sensacional, perigosa e de actualidade.

Por isso o desgosto do jornalista—o meu desgosto,—os ossos deste ofício que também os tem, onde tudo é movimento, velocidade e onde nada são rosas, alegrias, vitórias.

Corria o mês de Junho, quente, sufocantemente quente. Paris com o calor é insuportável, peor que o Porto, muito peor mesmo que Lisboa.

O camarada Géo Poirier esperava-me já no *hall* do Hotel. Tomei o café a correr. Tinha jantado nesse dia mais cedo, muito mais cedo, para que Dolly Davis não nos esperasse muito tempo. Quando lhe telefonamos, de tarde, tinha-nos dito que aguardava a visita pelas seis horas, O Poirier foi pontual. Com o seu sorriso—o seu sorriso de bom francês e bom *copain*,—uma *Invicta-Cine*» debaixo do braço, luvas calçadas, foi saindo, já impaciente, á minha frente.

Cumprimentamo-nos na rua, na esquina, enquanto assobiávamos pelo *taxi*.

—Rua Philippe Delorme!
O *chauffeur* não sabe onde é. O Poirier e eu vamos-lhe explicando:

—Junto da Praça Wagram, em face do caminho de ferro da Pequena Cintura.

O *chauffeur* parece perceber. Passamos



DOLLY DAVIS

já a estação de S. Lazare, a Praça Clichy, atravessando todo o bairro de Montmartre.

Dolly Davis vive num *quartier* elegante, onde vivem financeiros, grandes industriais e magnates do comércio.

Quem quizer ir visitá-la (dirijo-me, é claro, aos leitores que tencionam viajar até á grande Cidade da Luz,) pode ir de *taxi* como eu, ou de *métro*, o que é mais rápido e mais económico.

Tomarão a linha n.º 3, da Porta Champerret e apear-se-hão na estação Pereire. Mas, á saída, não perguntem onde fica a rua Philippe Delorme. Ninguém lhes saberá responder. Como é pequena e ainda cortada pelo caminho de ferro da Cintura em frente da rua Verniquet, todos o julgarão enganado e dir-lhe-hão, sorrindo com a costumada *finess* parisiense:

—Aqui não conhecemos. Só se fôr...

Mas continuemos. O *taxi* deixou-nos em Wagram, quasi á frente do monumento erigido a Alexandre Dumas. Deu várias voltas, percorreu as avenidas e as ruas circunvizinhas. Como não nos levava onde queríamos ir, abandonámo-lo, e a pé, bem dispostos apesar de já calcularmos o fiasco num presentimento fatal, lá fômos procurando, percorrendo outra vez as ruas e as avenidas próximas, Nada. Ninguém sabe dar explicações. Este diz não ser do sitio, morar lá para o Châtelet e só acidentalmente se encontrar ali; aquêle foi namorar e por essa forte razão não quer que o encomodem; aquêle outro anda cotou nós á procura duma rua qualquer, etc. etc.

—Um polícia! Um polícia salvava-nos. —digo eu ao Poirier acalentando esta última esperança.

Mas em Paris, como em todo o mundo, os policiaes nunca são providenciaes. Era precisamente o que ali faltava: um digno agente, um daqueles eruditos mantenedores da ordem que ás vezes falam seis linguas com poucos erros, um subordinado fiel e atento de Mr. Chiappe, o supremo *prefeito* de todos os policiaes da capital da França.

Vamos andando. Poirier nota que já deram seis e meia e que possivelmente Dolly

Davis já não nos espera. Nós vamos desesperando. Na febre de procurar já passamos várias vezes pelo mesmo sitio. Como para

(Conclui na ultima pagina)

Mercred.

Monsieur
Je reçois votre lettre et suis sûr de vous avoir que vous croyez la de vous avoir révisé l'autre jour. Mais l'événement est si important que je ne pouvais pas le dire. Je ne puis pas vous dire un autre rendez-vous car je l'aurais vu depuis hier. Je suis sûr de vous avoir de planer une autre fois et vous prie de croire Monsieur à mes sentiments distingués. Dolly Davis

Tradução:

... Senhor,

Recebi a sua carta e estou desolada do que V. pense por eu lhe ter faltado no outro dia. Eu tinha um "rendez-vous" importante a que não podia faltar.


Não posso agora dar-lhe outra entrevista, pois que trabalho num filme desde segunda-feira. Espero, no entanto, ter mais sorte noutra ocasião e peço para aceitar os meus cordiais cumprimentos.—(a) Dolly Davis.

COMPANHIA CINEMATGRÁFICA DE PORTUGAL


Apresentou já esta temporada os se-

guintes fonofilmes

de enorme sucesso:




Pat e Patachon musicos ambulantes
A mulher de quem se fala
Era uma vez uma valsa
Condessa de Monte Cristo
A Aventureira de Tunis
A Grande Atracção
Manobras de Amor
Tenente do Amor
Estudante Mendigo
A Milicia da Paz
Na Pista do Ouro
Anny na Escola
A Fera do Mar
Noites de Viena
Al Capone
Faroleiro
Atlantic




Apresenta brevemente nos melho-

res cinemas de Lisboa e

Porto as grandes produções:



Diário de uma mulher formosa
Pat e Patachon sunâmbulos
Pat e Patachon inventores
Os Hussares da Rainha
Sonho de Schumbrum
Reporter Criminalista
Audiencia Imperial
Os cinco do Jazz
Esta ou nenhuma
Dotes modernos
O Azul do Céu
Pernas acima
Vampiros
Boneco



Esta semana no elegante cinema **RIVOLI** os consagrados artistas Lil Dagover e Hans Stüwe na super-produção falada e cantada **A Favorita do Imperador**

Srs. Exidores:

Para defesa dos vossos interesses, não se comprometam com marcações de filmes, sem primeiro nos consultarem.

O QUE DIZEM OS NOSSOS CORRESPONDENTES NO ESTRANGEIRO

Poil de Carotte

Julien Duvivier tantas vezes dera já prova do seu mérito, sobretudo ao adaptar *David Golder*; mas, nunca nos mostrou uma obra tão forte e humana como esta que nos foi agora apresentada. Podia reprová-lo alguns artifícios de «mise en scène» e uma técnica de dilettante. Mas aqui, abandonou essas inúteis preciosidades para dar livre curso à sua sensibilidade e ao seu sentido de poeta.

Sempre que se tem oferecido oportunidade, não tenho deixado de pedir aos productores e directores para desdenharem o estúdio, dando a preferência à natureza, trocando os vaudevilles e as operetas por temas humanos.

Não há da minha parte qualquer «parti-pris», pois eu considero *L'Opera de Quat Sous* uma das obras primas da tela e este filme passa-se da primeira à última imagem em «décors» irreais. A França possui porém, logares soberbos para que eu não deixe de revoltar-me ao vê-los desprezados pelos homens que dirigem o cinema.

Ora, Julien Duvivier satisfaz os meus desejos com *Poil de Carotte* de exteriores tão numerosos como variados. E isto é bom em si, mas não é bastante para dar uma «réus-site». Que o mais humilde operador passe pelo campo e nos mostre uma série de postais ilustrados, preferimos vê-lo trabalhar no estúdio. Para dar a alma de qualquer logar através da objectiva, é preciso amá-lo, vê-lo as paisagens apropriadas e mais: sabê-lo revelar por detalhes que juntos uns aos outros comporão o verdadeiro quadro de conjunto que pode dar-nos o «Guide-Michelin». E assim, nós vê-lo-emos sempre com prazer.

Julien Duvivier levou a palma,

nêste ponto, a todos os seus antecessores. E' o «coração» do campo que bate nas suas imagens. Que atmosfera rústica, tão simples e tão cheia de vida!

Eis a casa dos Leepic, o pequeno jardim, a pradaria onde se estende a roupa, a ribeira, o tanque, a erva que se abana levemente pela força do vento, os animais tranquilos, os homens no trabalho; eis um cantinho campêstre onde há qualquer coisa de divino, de transparente, onde Poil de Carotte encontra o seu padrinho e a sua «pequena noiva» e onde se desenrola uma cena tão terna quanto poética.

Só o cinema, quando explora estes recursos, pôde dar esta impressão de *Vida*. E por *Vida* não entendo apenas a existência do homem, mas também a da natureza, tão intensa, variada e emocionante. A atmosfera de *Poil de Carotte* acentua-se pelos interiores, filmados no estúdio, mas muito bem estudados, nos quais os intérpretes actuando parecem no verdadeiro elemento.

Friso-vos a nova e corajosa fase deste filme. Não se trata de um documentário romantizado. O «décor» não sai do seu domínio, nem dilue os caracteres dos personagens.

A história é humana e desoladora. E eu não vejo, além de Duvivier, Feyder e Jean Choux, quem fosse capaz de no-la dar sem a fazer insuportável. Talvez se a ache bastante triste, mas sem excesso. Nada de sensibilidade forçada, nem de grandes efeitos. Simplesmente detalhes acumulados, postos em foco admiravelmente e uma sensibilidade expressa em pequenas nuances, dolorosas, satíricas, ou alérgicas. O enredo

não é escamoteado; ao contrário, tratado até final com uma sorte de respeito pelo original (o romance de Jules Renard) que só honra o seu realizador e que dissimuladamente, por traz da história, nos deu mais uma prova do seu bom gosto e da sua probidade. E a sua personalidade não deixa de reflectir-se o melhor possível. Eis uma bela produção, poética, humana, assente na intriga, na decoração e nos actores.

Havia muito tempo que um filme francês não nos dava uma interpretação tão justa e homogênea. Harry Baur, Chaterine Fonteney, e especialmente o pequeno Robert Leynen, são apreciáveis. Este último é o maior mérito; verdadeiramente prodigioso, trabalhando ante a objectiva como se esta não se achasse na sua presença.

O cinema, que nada receia desde que nisso veja resultado ante o *Publico*, devia interessar mais pela juventude. Difícil tarefa a de traduzir os sofrimentos e aspirações dos seres com menos de vinte anos. Isso valeu-nos outrora, as fitas lacrimosas de Jackie Coogan. Felizmente que estes últimos tempos, temos admirado filmes como «Raparigas de Uniforme» e «Emilio e os Detectives» as obras máximas da produção germânica do ano último e o *Caminho da Vida* que nos apareceu como uma das mais violentas fitas soviéticas.

Agora, *Poil de Carotte*, cheia do mesmo lirismo, da mesma sinceridade, bem francesa e duma qualidade rara.

Pode-se dizer justamente que é um «chef-d'oeuvre».

Paris, Nov., 1932.

DANIEL MAYBON

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA
pelas Ex.ªs Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

OLYMPIA

ODEON

Encerrado temporariamente

50% de desconto em todos os lugares nas matinées
nos dias 31 de Dezembro, 5 ou 7 de Janeiro de 1933

50% de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão
no dia 31 de Dezembro, ou 7 de Janeiro de 1933.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do
portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

Jornal H. da Costa

UM FILME SEM IGUAL

SCARFACE

(O HOMEM DA CICATRIZ)



O *bottling* (O contrabando de alcool nos E. U. A.), com o seu cortejo de perseguições, rivalidades e atentados, tem sido um vasto manancial de temas literários, teatrais e cinematográficos. Temos visto dezenas de filmes em que os protagonistas são temíveis *gangsters*, quadrilheiros sem escrúpulos, capazes de eliminar a tiro todos os obstáculos.

Faltava porém o filme essencial, em que o *gangster* fôsse apresentado, não como herói, que não é, mas sob a sua verdadeira e abjecta personalidade.

Agora, esse filme existe, é formidável, e já foi apresentado em Portugal. Produziram-no os *United Artists*, realizou Howard Hawks, e intitula-se *Scarface* (O Homem da cicatriz). A Agência Cinematográfica H. da Costa, a quem pertence o exclusivo de *Scarface* para o nosso país, tem nele um dos seus mais belos êxitos, e vai apresentá-lo no Porto, brevemente.

Não podem imaginar os cinéfilos nortenhos, antes de vê-lo, o que *Scarface* vale realmente como documento e como obra de cinema. E' qualquer coisa de inesperado, de nunca visto, na sua esmagadora violência. Vendo-o, assiste-se a um dos mais poderosos espectáculos que a tela tem proporcionado em trinta e tantos anos de cinematografia. Nem os próprios filmes russos, mesmo os mais notáveis, conseguiram tão elevada soma de brutalidade.

Brutalidade admirável, que marca com um ferro em brasa a maior vergonha da nossa época. Porque *Scarface* é um libelo tremendo contra o crime organizado, exercido pelos bandidos norteamericanos.

A terrorisação das grandes metrópoles de Além-Atlântico, as lutas entre *gangs* concorrentes, os processos utilizados para a colocação da mercadoria ilícita, são-nos corajosamente revelados pelo encenador.

Scarface vale por todos os rela-

FITAS EM SÉRIES

A *Universal* produziu alguns filmes em episódios, cheios de interesse, admiravelmente interpretados, e utilizando todos os recursos da moderna tecnica sonora. Os melhores de entre eles foram adquiridos pela Agência H. da Costa, devendo ser brevemente apresentados em Portugal. Esperamos que esta noticia agrade sobremaneira aos nossos cinéfilos, que sempre tiveram manifesta predilecção por este género de filmes.

tos. E', ao mesmo tempo, cinema e reportagem, drama e história.

Um grupo de magnificos actores, quasi todos de origem italiana, incarnou as silhuetas espantosas. E, acima de todos elles, um actor formidável, Paul Muni, realiza no protagonista a mais extraordinária das criações do *écran*.

Scarface entusiasmou os cinéfilos de todo o mundo. Em Lisboa, onde foi apresentado de improviso, é ainda o assunto de todas as conversas.

Confiamos no bom gosto dos cinéfilos portugueses. Temos pois a certeza de que saberão tributar ao estupendo filme de Howard Hawks a consagração que, sem discussão, merece.

CARTAZ

Filmes da AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, L.da,
em exhibição

No Porto:

Rivais da Pista

no SÃO JOÃO

A Bela Aventura

no LYMPIA

Em Lisboa:

Estupefacientes

no SÃO LUIZ

A Leste da Ilha de Borneo

no CENTRAL

TRINDADE

O CINEMA DOS GRANDES EXITOS

APRESENTA ESTA SEMANA

UMA HORA CONTIGO (Paramount)

com Maurice Chevalier e Jeanette MacDonald

E APRESENTARA' A SEGUIR

MATA-HARI (Metro-Goldwyn-Mayer)

com Greta Garbo, Ramon Novarro e Lionel Barrymore

DELICIOSA (Fox)

com Janet Gaynor, Charles Farrel e El Brendel

O PRINCIPE DA ARCÁDIA (H. da Costa)

com Liane Haid e Willy Forst

O CAMPEÃO (Metro-Goldwyn-Mayer)

com Wallace Beery e Jackie Cooper

O HOMEM QUE EU MATEI (Paramount)

com Sylvia Sidney, Philips Holmes e Lionel Barrymore

SEMPRE DE MELHOR A MELHOR

OS FILMES QUE NÓS VIMOS

FILMES QUE VAMOS VER

PELOS CINEMAS DO PORTO

Trindade—Fascinação.

Joan Crawford é para mim o melhor predicado d'êste novo filme e só por ela êle merece ser visto.

A esposa de Douglas Fairbanks Junior está evidenciando-se sobremaneira êstes últimos tempos, dando-nos já mostras duma tempera apreciável de artista que durante largos anos andou escondida na insignificância de vários papeis que lhe confiaram. E ainda não está longe o tempo em que nós a víamos ao lado de galãs, como o William Haines, por exemplo, mostrando um físico atraente e uma carinha simpática, sem que os seus directores tirassem dêles um grande partido.

Agora está sendo convenientemente aproveitada

Já em «Dentro da Lei» o seu rôsto essencialmente fotogénico e os seus grandes olhos expressivos e dominadôres, olhos únicos no cinema, jogavam o grande papel que lhes competia há tanto tempo.

Joan Crawford, começa a mostrar agora um talento á altura da fama que lhe criaram, prematuramente e não é sem justificação que alguns cinéfilos «yankees» a apontam como a mais notável e famosa figura do cinema futuro, capaz de sobrepassar mesmo o nome de Greta Garbo.

Sadie Thompson que ela acaba de interpretar e que em tempos foi feita com Gloria Swanson, talvez nos diga mais, ainda, da sua arte.

Em «Fascinação» é extraordinariamente fascinante. Primeiro, na modesta empregada duma fábrica de caixas de cartão, rapariga provinciana e ambiciosa que o luxo e as grandes cidades atraem e fascinam, arrastada á aventura pela louca sêde da materialização do seu ideal—tornar-se numa mulher rica, da sociedade, vivendo com o maior conforto e ostentação.

Depois, na mulher que conquistou o que desejava, mas que um grande amor começa a torturar em face das exigencias dos convencionalismos da sociedade.

Em qualquer destas fases Joan sai-se bem, num trabalho vibrante de emoção e muito especialmente na segunda, onde mete todo o seu forte poder de sedução.

O mesmo se não pode dizer de Clark Gable. Não que êle vá mal; mas porque está ainda para dar uma prova capaz de o mostrar merecedor do nome que lhe crearam. Creio que o elevaram á categoria de primeiro actor, só por possuir um físico alentado, uma expressão violenta e um tanto brutal—porque na América chegou a moda das mulheres amarem os brutos. Mas isso não basta. Gable será um «tipo», mas não é um bom actor. Tem uma máscara rude e o que é pior sem mobilidade.

A história do filme é algo convencional e não oferece uma atracção constante capaz de prender o espectador de maneira a sair plenamente satisfeito. Clarence Brown dirigiu com o cuidado peculiar dos filmes americanos e a fotografia é magnífica.

Quem não fôr «fascinado» pela figura e pela actuação de Joan Crawford, talvez se aborreça um pouco.

J. A. DA C

Rivoli—O Rei do Beijo. (Vêr crítica no nosso n.º 178).



Charles Boyer e Daniela Parola no super fonofilme da UFA, *I F 1* não responde», que H. da Costa nos apresenta brevemente

Olimpia—Casamento de Amô

Vocês recordam-se acaso de algum filme de Carl Wiene? Eu, confesso francamente, não tenho a menor idéa. E' provável, é até muito possível que Carl Wiene já tenha contribuído com algum trabalho de grande valôr para o cinema, mas êsse não é o caso de *Durchauht amuesiert sich*, uma história interessante, a que uma cenarisação pouco hábil e uma realisação muito insegura, tiraram todo o possível atractivo.

Lien Deyers, Trude Berliner, George Alexander e Hans Junkerman, todos nossos vèlhos conhecidos (Alexander é um dos artistas alemães que mais vèzes tem desfilado pela téla do *Olimpia*), interpretam a contento êste filme que poderá, sem dúvida, agradecer a uma parte do público.

N. C.

(Atrazada na redacção)

Raparigas de Uniforme (Vêr nossa crítica no n.º 185)

PELOS CINEMAS LISBOETAS

Condes—O Rei dos Polacos

Um argumento engraçado mas pouco consistente, interiores de bom gôsto, algumas marcações interessantes, situações por vezes hilariantes: eis a síntese d'êste filme.

Carmine Gallone, de quem na época passada vimos *Un soir de Rafles* foi o realizador.

No entanto não imprimiu a esta produção o ritmo cinematográfica daquela, e apresentou-nos uma película fraca que a cada passo cai na monotonia.

Na interpretação, que é razoável, destaca-se Betty Stockfield, uma actriz inglesa que —julgo eu— o nosso público vê pela terceira vez.

Condes—Uma rapariga e um Milhão

Aqui está um filme que tem todos os requisitos para ter um certo êxito junto do público.

Um argumento original que está bem conduzido; um diálogo espirituosissimo e uma

interpretação homogênea, são suficientes para que o público fique satisfeito.

Canções interessantes, que se retêm facilmente.

Algumas cenas, como a da agência Hesse, são apresentadas com uma certa originalidade.

Enfim, *Uma rapariga e um Milhão* é um filme que sem pretensões se vê sem enfado e que dispõe bem.

S. Luiz—Scarface

Não atingindo o nível cinematográfico de *Ruas da Cidade*, *Scarface*, no entanto, sob outro ponto de vista é mais valioso que o filme de Mamoulian.

Ruas da Cidade limitava-se a contar-nos uma história de amor enquadrada no cenário dos gangsters; *Scarface* atira para plano secundário com o conflito amoroso e vai mais longe atacando duma forma violenta essa vergonha social que são as organizações norte-americanas dos vendedores clandestinos de álcool.

Howard Hawks realizou um filme esplêndido, cheio de cinema.

Uma interpretação esplêndida da parte de todos, e formidável da parte de Paul Muni um grande actor que nós não conhecíamos.

Lisboa, Dezembro, 32.

FERNANDO BARROS

ATENÇÃO

Invicta-Cine não se publica no proximo sabado

O atraso com que sai êste numero da «Invicta-Cine» impede-nos de a publicar no próximo dia 31, do que nos desculpamos perante todos os nossos leitores e assinantes.

Entretanto, a tôdos êles, bem como a tôdos os nossos amigos e anunciantes, apresentamos os nossos sinceros votos dum feliz e próspero Ano Novo.

EDITOR
João Soutinho de Oliveira
ADMINISTRADOR
Joaquim A. Teixeira
COLABORADOR ARTÍSTICO
Fernando Lacerda

REDACÇÃO: - Rua Bela da Fontinha, 14-A

PORTO PORTUGAL

Director: Roberto Lino - Propriedade: Emp. Invicta Cine

REDACTORES
J. Alves da Cunha
Fernando Barros
Emílio Loubet
Novais Castro
C. Vasconcelos

Emilio Loubet e Dolly Davis

(Conclusão)

aqui as ruas tem árvores altas e copadas é mais difícil ler as taboletas. Por fim, sete horas dadas, o sol já meio escondido, encontramos, achamos a rua Philippe Delorme.

O Poirier consulta o seu *carne* de moradas.

E' ali—diz-me contente, como se tivesse descoberto o rádio ou o caminho marítimo para a Índia.

Batemos. Já desce a creada, tóda de branco como uma pombinha. Atravez os vidros da grande porta do vestibulo, acho-a simpatica, gentil, bonita mesmo. Sorri para nós enquanto inquire o que des-jamos.

E' de facto encantadôra a creadita!... O Poirier fala com rapidez, apontando-me por vezes. E' a conversa costumada:

—Um jornalista português que deseja falar com *Mademoiselle*.

A creadita tem um sorriso mais aberto, semi-cerra os olhos muito azuis e responde:

—Sim, mas *Mademoiselle* Dolly saiu as seis e meia e não janta em casa.

Olhei pasmado para a creada. Pareceu-me então horrível, malcreada, feia mesmo—uma autêntica megera! Podia lá ser!...

E percorrendo novamente as ruas e avenidas, até Perreire, voltamos, muito calados, muito constrangidos, batendo com indignação os pés no asfaltado, fazendo um eco que se ouvia a muitas desenas de metros.

E pela primeira vez a entrevista deixou-se de fazer...

Eu poderia repetir aqui o relato da segunda ida a casa de Dolly Davis, desta vez já a horas, com uma pontualidade britânica que alegrou muito o Geo Poirier.

Mas mais uma vez não fomos felizes. *Mademoiselle* Dolly já não estava em casa. Um *cock-tail* urgente e inadiável tinha obrigado a sair, deixando-nos outra vez tristes, desorientados, aborrecidos.

Foi quando tive a ideia de lhe escrever uma carta, uma longa carta chamando-lhe *mázinha*, lembrando-lhe que eu não estava em Paris só para a entrevistar a ela ou exclusivamente para visitar o caminho de ferro da Pequena Cintura ou o monumento que os parisienses ergueram ao grande Alexandre Dumas.

A carta lá foi. Antes o Poirier, que não podia levar a bem a sua pouca atenção para comigo, ampliou os substantivos duros com que eu a mimoseava.

E a resposta—a resposta que os leitores tem a nessa gravura,—não se fez esperar.

A Dolly não quiz que eu fizesse uma má ideia dela. Em *vacances* dignou-se escrever-me para o hotel, desculpendo-se o melhor que ponde.

Eu é que não a procurei mais. Outros artistas com menos *cock-tails* e mais tempo me ocuparam os dias, os meses que fiquei ainda em Paris.

A Dolly, que depois tive ocasião de ver de perto numa festa de caridade na Avenida da Opera, ao lado de Mistinguette, Anabella, Marie Glory, Meg Lemonier etc., é que ganhou com isso.

Deixo-a em paz e prometo, mil vezes

que vá á França, não ir mais á rua Philippe Delorme, á Praça Wagram ou ao caminho de ferro da Pequena Cintura.

Entrevistá-la? Não.

Nem eu nem o pobre Poirier...

EMILIO LOUBET

Dos nossos correspondentes de Ponta Delgada

Esta é a época que melhores filmes apresenta a Empreza Coliseu Avenida, o que devemos ao esforço do Snr Joaquim Altaba, gerente artístico do Coliseu Avenida. Pena foi no entanto que, quando da sua viagem á Capital não tivesse adquirido os filmes *Mattou*, de Fritz Lang, *A Tragédia da Mina e Atlântida*, de Pabst. Em todo o caso, mais tarde os veremos, talvez na temporada de 1933-34...

O filme da época passada que mais tempo esteve em exhibição, foi *A Severa*, que se exhibiu 7 vezes, sempre com enches, batendo assim o record das produções até hoje exhibidas nos Açores.

Eis os filmes senoros que veremos esta época:

O Mundo ás Avessas, Uma Noite de Rusga, A Mulher de Uma Noite, Monte Carlo, A Noiva da Esquadra, Civilizados, A Ilha da Felicidade, Fatos e Factos, A Dama que Ri O Grande Charco, Marrocos, Naufragio Amoroso, Anny no Pararico, Al Capone, A Milícia da Paz, Manobras de Amor, Beija me Outra Vez, O Tenente do Amor, Noites de Viena, Saudade, Um Príncipe Que Nunca Amou, A Grande Atração, De Corpo e Alma, Napoleão II (L'Aiglon), Nos Lábios Não, O Mistério da Casa Forte, Margem Esquerda, O Julgamento de Gaby, A Parada do Amor, Fatalidade, A Minha Noite de Nupcias. Já vimos *O Tenente Seductor, No Patz dos Sorrisos, Paramount Em Gala, El-Rei Diver-te-se, e Saudade*, que á excepção do segundo agradaram ao nosso público.

Paulo Cordeiro

Na capa

MADGE EVANS

Não é uma artista nova no cinema. Ao contrário, já experimentada—porque na sua infância debutou logo como artista, tendo desempenhado inúmeros papeis infantis.

Depois veio um periodo em que ela se mostrou mais crescadinha, abandonando temporariamente a actividade. Mas quando se sentiu mulher feita regressou á frente da objectiva.

Todos a elogiaram pela sua vivacidade e pela sua bela fotonema

Madge Evans tem já hoje em grossas parangonas o seu romance amoroso relatado pela imprensa americana

E isso é um sintoma, do seu nome, do seu successo...

Os nossos leitores apreciá-la-ão dentro de pouco tempo em «O Filho de Raja» ao lado do simpático Ramon Novarro. E depois, certamente, em «Puro Sangue» (titulo provisório) com Clark Gable.

Ambos estes filmes são da M. G. M.

O cinema do futuro

(Conclusão)

necessitam de diálogo, ou que simplesmente não se prestam para isso.

O filme falado é uma forma de arte, diferente; numa variante do filme silencioso; algo que não é congénere do teatro e em forma alguma sucessora ou vencedora do mesmo; por isso os que têm discutido as possibilidades da cinematografia futura, discutem se o filme de 1950 terá legendas ou se as mesmas serão suplantadas por explicações faladas.

Uma coisa tem ficado demonstrada nos últimos três anos: que uma sincronização de som perfeito, em todas as passagens em que fôr necessária o resultar apropriado, proporcionará maior força dramática ao filme, que todos os diálogos actuais. De essa maneira a imagem visual adicionada ao som, adquire formas distintas, não sendo indispensável que no som esteja incluída a música.

TODAVIA

O caso de Chaplin com *Luzes da Cidade* é interessantíssimo, dada a feição que os acontecimentos tomaram. Julgamos que o extraordinário cineasta está fundamentalmente influenciado com, segurança intuitiva, quando insiste em dizer que não fará filmes falados, ante a suposição de que os filmes mudos, com perfeita sincronização de sons, poderão satisfazer por completo todos os públicos, como nunca o conseguiram os filmes totalmente silenciosos e os actuais falados.

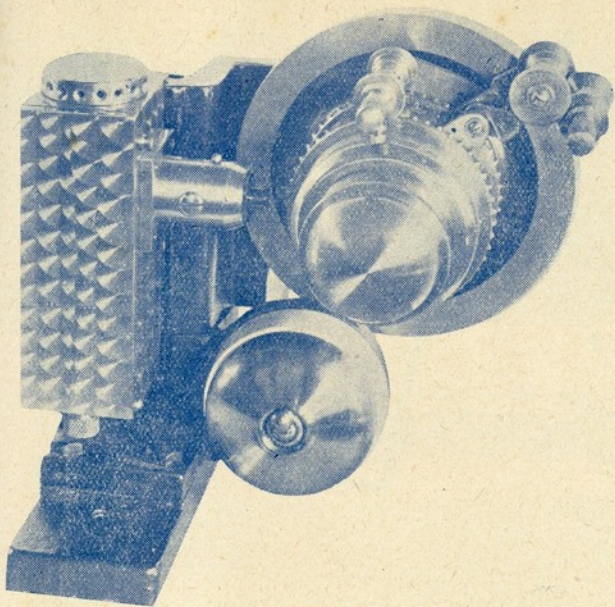
«O filme tem um pavel importante dentro de si mesmo»—diz Chaplin. «Tal como está na época presente, poderíamos chamá-lhe um desenho artificial combinado com algo de natural e composto, não de verdade nem de ficção, mas sim de uma mescela criada para provocar efeitos emocionantes nos espectadores».

Está nisso, precisamente, a base de onde partirá o filme de 1950.

MELHORES FILMES

A produção de filmes em 1910, 1930 e 1950 tem sido e continuará a ser de indole meramente comercial. Os individuos que exploram a indústria fazem-no com o propósito de ganhar dinheiro e, em consequência, produzem justamente a classe de filmes que mais facilmente lhes proporcione os maiores lucros. Se o filme passou ao caracter de uma mercadoria determinada, a procura tem que succeder á produção, pelo que um qualquer experimenterá tanto o fabrico de automoveis ou calçado, como o de filmes. Resumindo: terá que fazer o que o público exija e este público terá que pedir demasiado no que se refere a cinematografia.

Para terminar este artigo, devemos dizer que os progressos técnicos dos filmes estão sempre á cabeça das inovações artisticas e eticas seguidas até á data e que em 1950 as audiências cinematográficas verão desfilar em frente aos seus olhos, filmes em que estarão envolvidos todos os elementos da humanidade; películas colectivas belamente humanas, com a circunstância de que se projectarão em telas mais compridas e mais baixas, com imagens realçadas, cores de intensa naturalidade e de uma dramaticidade bellissima, com o aditamento do som, substituindo o diálogo, inútil e absurdo.



Nem sempre as instalações caras são a ultima palavra: a ultima palavra é:

IMPERIAL

a principal e inconfundível qualidade de

IMPERIAL é:

nitidez, selectividade, ampliação de sons e
SIMPLICIDADE

Custa menos; evita as interrupções de espectáculos; adapta-se a todas as maquinas de projecção, trabalhando sem baterias.

Pelo preço não tem competidor

Os segredos das grandes receitas residem nas maravilhosas reproduções do
aparelho

IMPERIAL

PEÇA INFORMES E CONDIÇÕES A'

Companhia Cinematográfica de Portugal

R. Eugenio dos Santos, 110-2.º

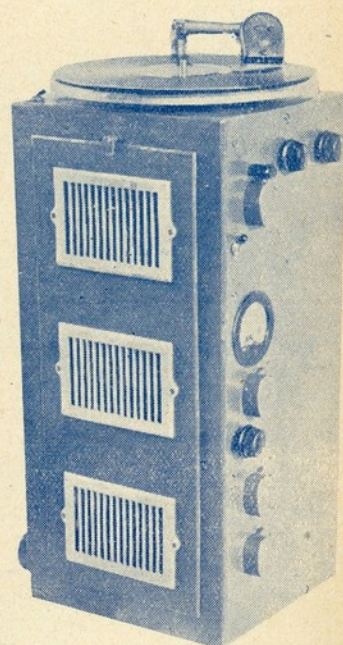
LISBOA

TELEFONE, 20347

Delagação no Porto

R. do Campinho, 3

TELEFONE, 4637



CASTELO LOPES, L.^{DA}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos

APRESENTA CUMPRIMENTOS DE BOAS-
FESTAS A TODOS OS SEUS AMIGOS E
CLIENTES, DESEJANDO-LHES UM NOVO
ANO CHEIO DE PROSPERIDADES.